

MORTOS INSIGNES: NOBREZA E DISTINÇÃO NO CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA, EM MANAUS

DISTINGUISHED DEAD: NOBILITY AND DISTINCTION IN THE SÃO JOÃO BATISTA CEMETERY, IN MANAUS



Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa¹

Resumo

No Brasil Império (1822-1889) 980 pessoas foram agraciadas com 1278 títulos de nobreza não hereditários. Os nobres eram políticos, militares, banqueiros e fazendeiros. A nobilitação garantia, além do reconhecimento e prestígio, o trânsito e acesso aos círculos políticos e sociais do Império e o controle do Imperador sobre esses grupos. Além dos titulados pela monarquia brasileira, existiam os que receberam títulos nobiliárquicos do Reino de Portugal, do Reino da Itália e do Vaticano. O Amazonas foi uma das províncias que menos teve titulares do Império, sendo mais comum o enobrecimento através da compra da patente de Coronel da Guarda Nacional, do recebimento de comendas e títulos da monarquia portuguesa. Distinguidos em vida, de que forma (s) se distinguiram no espaço cemiterial, importante espaço de reprodução das diferenças sociais entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX?

Palavras-chave: Nobreza; Cemitério; Manaus.

Abstract

In the Brazilian Empire (1822-1889) 980 people were awarded 1278 non-hereditary titles of nobility. The nobles were politicians, military men, bankers and farmers. Nobility guaranteed, in addition to recognition and prestige, transit and access to the Empire's political and social circles and the Emperor's control over these groups. In addition to those titled by the Brazilian monarchy, there were those who received noble titles from the Kingdom of Portugal, the Kingdom of Italy and the Vatican. Amazonas was one of the provinces that had the fewest holders of the Empire, with ennoblement being more common through the purchase of the rank of Colonel of the National Guard and the receipt of commendations and titles from the Portuguese monarchy. Distinguished in life, in what way(s) did they distinguish themselves in the cemetery space, an important space for the reproduction of social differences between the second half of the 19th century and the first decades of the 20th century?

¹ Graduado e mestre em História pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Administra desde 2013 o blog História Inteligente, onde são publicados textos de História do Amazonas. E-mail: historiadorcarvalho@gmail.com.



Keywords: Nobility; Cemetery; Manaus.

A nobreza brasileira

A palavra nobreza vem do latim *nobilis*, que significa “conhecido”, “renomado”, “famoso”. Os títulos de nobreza datam do início da Idade Média, quando o antigo Império Romano do Ocidente se fragmentou em pequenos reinos bárbaros comandados por nobres que detinham poder econômico, político e militar. Os cinco principais, em ordem de importância, são os de duque, marquês, conde, visconde e barão.

O pesquisador Antonio Luiz Costa registra que os quatro primeiros se desenvolveram no Império Carolíngio, no século IX, com os de duque e conde tendo origem nos cargos romanos de *dux exercituum*, comandante militar de uma ou mais províncias; e *comes*, ministro do imperador². A concessão dos títulos cabia aos reis e imperadores, que através deles estabeleciam alianças vitais para a manutenção de seus domínios. A hereditariedade e a pureza do sangue são as principais características da nobreza do Antigo Regime.

No Brasil, no período Colonial, existiu a ‘Nobreza da Terra’, formada por famílias tradicionais descendentes dos primeiros colonizadores e proprietárias de terras, escravizados, engenhos, detentoras de patentes militares e cargos elevados na magistratura, em câmaras municipais, nas Misericórdias e Ordens Terceiras. Apesar do nome, os Nobres da Terra não possuíam titulação oficial. O historiador Ronald Raminelli, em estudo sobre a Nobreza da Terra da América Portuguesa entre os séculos XVII e XVIII, salienta o papel da riqueza e dos cargos como fatores de distinção:

De fato, não eram os títulos, mas a riqueza e o comando militar os elementos essenciais de distinção. O cabedal era mais importante do que a linhagem, e os hábitos e foros de fidalgo eram apenas o ápice do sucesso e não o seu promotor [...] No ultramar, valia mais ter terras e escravos do que títulos. Aliás, percebe-se aí a relevância de se diferenciar a nobreza provida pela monarquia da nobreza da terra³.

² COSTA, Antonio Luiz M. C. **Títulos de Nobreza e Hierarquias:** um guia sobre as graduações sociais na História. São Paulo: Draco, 2014.

³ RAMINELLI, Ronald. Nobreza e principais da terra – América Portuguesa, séculos XVII e XVIII. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 217-240, mai./ago. 2018, p. 233.



Raminelli faz uma interessante reconstituição da trajetória da Nobreza da Terra no Brasil. No primeiro século da colonização, a elite era formada estritamente por grandes proprietários de terras, de escravizados, senhores de engenho e membros das câmaras municipais. No século XVIII, com a exploração aurífera, comerciantes e traficantes de escravizados ingressaram nas camadas mais elevadas da sociedade. Em síntese, “Ao longo do século das luzes, a riqueza tornou-se bem mais poderosa do que as linhagens, a tradição e a memória da conquista”⁴.

No início do século XIX, com as Guerras Napoleônicas e a invasão de Portugal, a Família Real Portuguesa se instala no Brasil. A Colônia ganha novo status, passando a sediar a Corte Portuguesa. O Príncipe Regente D. João VI, de 1808 a 1821, concedeu, conforme a historiadora Marina Garcia de Oliveira, 120 títulos de nobreza, sendo 25 de barão, 31 de visconde, 49 de conde, 12 de marquês e 3 de duque⁵.

Os títulos de nobreza existentes no Império do Brasil (1822-1889) eram os mesmos das monarquias europeias. No Primeiro Reinado (1822-1831) D. Pedro I concedeu cerca de 150 títulos. Já no Segundo Reinado (1840-1889), D. Pedro II concedeu 1.133, com as maiores concessões ocorrendo nos anos finais da Monarquia em uma tentativa de salvar o regime. A Constituição de 1824 determinou que os títulos de nobreza do Império não seriam hereditários, não garantiriam isenção de impostos, privilégios financeiros e judiciais e não reservavam vagas no Senado, em outros cargos públicos ou militares⁶.

A nobreza brasileira, apesar de ter como referência a tradicional nobreza do Velho Mundo, com seus brasões ricamente elaborados, estava muito distante daquela, assentada na hereditariedade e nos privilégios que a acompanhavam:

[...] não existiu no Brasil uma nobreza no seu sentido mais tradicional [...] Enquanto na Europa é nobre quem é, ou seja, quem nasce como tal, no Brasil, a nobreza é um estado passageiro

⁴ Ibid, p. 234.

⁵ OLIVEIRA, Marina Garcia de. **Entre nobres lusitanos e titulados brasileiros:** práticas, políticas e significados dos títulos nobiliárquicos entre o período joanino e o alvorecer do Segundo Reinado. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 2013, p. 29.

⁶ OLIVEIRA, Jessica Manfrim de. **Entre “Grandes” e titulares:** os padrões de nobilitação no Segundo Reinado. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História, 2016, p. 18.



afirmado por uma situação política, econômica ou intelectual privilegiada⁷.

De acordo com Maria Garcia de Oliveira, o Império do Brasil teve 980 nobres que receberam 1.278 títulos, com alguns agraciados tendo recebido mais de um título. Eles foram concedidos a políticos, militares, banqueiros e fazendeiros em reconhecimento aos serviços que prestaram e à importância que tinham para o Império⁸. A nobilitação garantia, além do reconhecimento e prestígio, o trânsito e acesso aos círculos políticos e sociais do Império e o controle do Imperador sobre esses grupos.

Deve-se destacar que os títulos de barão e visconde eram conferidos com grandeza e sem grandeza. Os titulares que possuíam grandeza estavam autorizados a utilizar em seus brasões a coroa do título subsequente. Dessa forma, por exemplo, um barão com grandeza poderia utilizar em seu brasão a coroa de visconde.

Além dos titulados pela monarquia brasileira, existiam os agraciados com títulos nobiliárquicos do Reino de Portugal (1139-1910), do Reino da Itália (1861-1946) e do Vaticano, que eram comerciantes portugueses, industriais ítalo-brasileiros e intelectuais que se destacaram em suas áreas ou que realizaram significativas doações para a Igreja e seus países de origem.

Breve histórico do Cemitério de São João Batista

O Cemitério de São João Batista está localizado entre os bairros de Adrianópolis e Nossa Senhora das Graças, na zona Centro-sul de Manaus. Foi inaugurado em 5 de abril de 1891 no governo de Eduardo Gonçalves Ribeiro.

No início não passava de um grande descampado guarnecido por uma cerca de arame farpado, posteriormente substituída por uma cerca de pau a pique. Levou algum tempo para que ganhasse o aspecto monumental que o

⁷ FEITOZA, Leonardo Matos; MOTTA, Renato Ramalho. Meandros e prerrogativas para conquista do baronato no Brasil oitocentista: Antônio Dias Coelho e Melo o Barão da Estância e seus artifícios para a nobilitação. **VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010, p. 1-12, p. 3.

⁸ OLIVEIRA, Marina Garcia de. O Poder da Distinção e a Distinção da Recusa: Nobilitação e Construção do Estado Imperial Brasileiro. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho de 2011.



caracteriza. Entre 1905 e 1906, na administração do superintendente municipal Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa, foram construídos os muros e instalados os portões e gradis de ferro vindos de Glasgow, na Escócia, e uma nova capela, em estilo neogótico e consagrada a São João Batista.

Em comentário sobre a administração de Lisboa, o *Jornal do Commercio* registrou que ele executou “[...] a transformação do nosso cemiterio, toscamente primitivo”, o transformando “em necrópole moderna, enriquecida de uma capella luxuosa e cercada de gradis primorosos”⁹. Assim como o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça e o Mercado Municipal, o Cemitério de São João Batista era um dos sinais de progresso e da modernidade na capital amazonense¹⁰.

Em suas 25 quadras estão sepultados nomes e sobrenomes tradicionais da sociedade amazonense, uma elite composta por seringalistas, aviadores, comerciantes, burocratas de alto escalão, políticos, militares, **nobres**, magistrados e profissionais liberais. Pelo conjunto artístico de sepulturas que reúne e seu valor histórico, foi tombado como Monumento Histórico do Estado do Amazonas em 1988.

Nobreza e distinção no Cemitério de São João Batista

O Amazonas foi uma das províncias que menos teve titulares do Império – apenas um – sendo mais comum o enobrecimento através da compra da patente de Coronel da Guarda Nacional, do recebimento de comendas e títulos da monarquia portuguesa. Isso se explica pelo fato de que, conforme a antropóloga Ana Maria Daou, não existia uma elite tradicional ligada à terra, como era o caso do Pará. A elite amazonense é “[...] de formação recente, predominando os segmentos urbanos, de comerciantes e profissionais liberais”¹¹.

Cabe aqui destacar a influência dos comendadores na sociedade amazonense. Boa parte deles era de origem portuguesa, tendo iniciado suas trajetórias atrás dos balcões de mercearias e armazéns de secos e molhados, posteriormente abrindo seus próprios estabelecimentos e galgando aos poucos

⁹ *Jornal do Commercio*, 29/04/1907. Biblioteca Nacional/RJ – Hemeroteca Digital.

¹⁰ PEDROSA, Fábio Augusto de Carvalho. **Laborum Meta: Sociedade e Arte nos Cemitérios de Manaus (1860-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024.

¹¹ DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 9.



posições elevadas na praça comercial de Manaus. Oriundos de famílias humildes e muitas vezes sem escolaridade, afirma Samuel Benchimol, necessitavam de uma condecoração que os distinguisse como empreendedores de sucesso. Dessa forma, a comenda “assegurava ao seu portador um elevado *status* social perante a comunidade”¹².

No Cemitério de São João Batista, em Manaus, estão sepultados três nobres, um do Império do Brasil e dois do Reino de Portugal: Frederico José de Sant’Anna Nery, Barão de Sant’Anna Nery (1848-1901); Clementino José Pereira Guimarães, Barão de Manaus (1828-1906); e Manoel Joaquim de Machado e Silva, Barão de Machado e Silva (1853-1935).

O estudo de suas trajetórias e de seus túmulos e jazigos parte da seguinte indagação: distinguidos em vida, de que forma (s) se distinguiram no espaço cemiterial, importante espaço de reprodução das diferenças sociais entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX? Pesquisas dessa natureza em outros cemitérios foram realizadas por pesquisadores como Harry Rodrigues Bellomo, Daniel Teixeira Meirelles Leite, Regina Zimmermann Guilherme¹³ e Anderson Pires Aires¹⁴.

Com exceção do túmulo do Barão de Manaus, os demais são bastante simples quando comparados aos de nobres do Pará, São Paulo e Rio de Janeiro e aos da burguesia manauara. Tal situação é semelhante à de túmulos e jazigos de nobres de outros cemitérios brasileiros¹⁵.

Nessa pesquisa, o conceito de *distinção* tem como base o trabalho do sociólogo Pierre Bourdieu, que se debruçou, na década de 1970, sobre a relação entre as práticas culturais e as classes sociais, demonstrando que as preferências

¹² BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. Manaus: Editora Valer/Editora da Universidade do Amazonas, 1999, p. 75.

¹³ BELLOMO, Harry Rodrigues; LEITE, Daniel Teixeira Meirelles; GUILHERME, Regina Zimmermann. Nobreza no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre/RS. In: CASTRO, Elisiana Trilha [et al.]. **Cemitérios: gestão, culturas e religiosidades**. Porto Alegre: ISCMPA, 2020.

¹⁴ AIRES, Anderson Pires. A nobreza e a ocupação da cidade cemiterial de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **XXII Encuentro de la Red Iberoamericana de Valoración e Gestión de Cementerios Patrimoniales**, 29 de noviembre al 3 de diciembre de 2021.

¹⁵ BELLOMO, Harry Rodrigues; LEITE, Daniel Teixeira Meirelles; GUILHERME, Regina Zimmermann, 2020, op. cit., p. 391; AIRES, 2021, op. cit.



por determinados bens de consumo e práticas culturais não são aleatórias, mas fazem parte de relações de poder construídas simbolicamente tendo em vista a distinção social¹⁶.

Frederico José de Sant’Anna Nery, Barão de Sant’Anna Nery (1848-1901)

Figura 1 – Túmulo Frederico José de Sant’Anna Nery, Barão de Sant’Anna Nery.



Foto: AUTOR.

Frederico José de Sant’Anna Nery, nascido em Belém, capital da então Província do Pará, em 28 de maio de 1848, foi um dos maiores propagandistas do Império brasileiro – principalmente da região Amazônica – na Europa. Membro da poderosa família Nery, foi filho do Major Silvério Nery e de Maria Antony

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.



Nery. Foram seus irmãos Silvério José Nery, Constantino Nery e Márcio Nery, nomes destacados na política local.

Realizou seus primeiros estudos no Seminário de São José, em Manaus. Em 1862, com o apoio do Bispo do Pará, D. Antônio Macedo da Costa, mudou-se para a França, cursando o Seminário de Saint Sulpice, em Paris. Não seguiu a carreira religiosa, graduando-se em 1867 Bacharel em Letras e Ciências. Na Itália, realizou o doutorado em Direito na Faculdade de Roma, colando grau em 1870. Por manter-se fiel ao regime monárquico e ter sido acusado participar de um atentado contra o Presidente Prudente de Moraes, foi preso e degredado para a ilha de Fernando de Noronha em 1897, sendo libertado após defesa do jurista Rui Barbosa¹⁷.

Intelectual de renome, foi jornalista, correspondente e membro de várias instituições científicas europeias e brasileiras, preocupado sempre com a divulgação das riquezas, da cultura e dos potenciais do Brasil e da Amazônia. De acordo com Agnello Bittencourt, citando Sacramento Blake, ele foi o primeiro correspondente da 'Republique Française'; membro fundador e vice-presidente da Associação Literária Internacional; membro da Sociedade de Homens de Letras, Oficial da Academia da França; sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); Comendador da Ordem de Cristo, por Portugal; Oficial da Ordem da Rosa e Cavaleiro da Legião de Honra da França¹⁸. Antônio Alexandre Bispo registra a fundação da Sociedade Internacional de Estudos Brasileiros; da 'Revue du Monde Latin'; e da Sociedade de Tradições Populares, em Paris, em 1888¹⁹.

São de sua autoria os livros 'Les Finances Pontificales' (1871), 'La Logique du coeur' (1872), 'Le Prisonnier du Vatican' (1873), 'Un Poète du XIX siècle:

¹⁷ COELHO, Anna Carolina de Abreu. **Santa-Anna Nery**: um propagandista "voluntário" da Amazônia (1883-1901). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2007, p. 19-20.

¹⁸ BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias**: Vultos do Passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 448.

¹⁹ BISPO, Antonio Alexandre. **Nomes da história intercultural em contextos euro-brasileiros. Frederico José de Santa-Anna Nery (1848-1901), Barão de Santa-Anna Nery**. Academia Brasil-Europa de Ciência da Cultura e da Ciência. Disponível em: <http://www.akademie-brasil-europa.org/Materiais-abe-84.htm>. Acesso em 18/06/2023.



Gonçalves Dias' (1875), 'Camões et son siècle' (1879), 'Lettre sur le Brésil: réponse au Times' (1880), 'La question du café e La Bataille du Riachuelo' (1883), 'La Civilisation dans Amazonas' (1884), 'Le pays des Amazonas' (1885), 'Folklore Brésilien' (1889), 'Le Bresil en 1889' (1889), 'L'émigration et immigration pendant les dernieres annes' (1892), 'De Paris a Fernando de Noronha' (1898), "Aux États Unis du Brésil' (1898) e 'Bibliografia Scientifica sobre o Amazonas', uma introdução para o álbum 'O Pará em 1900'²⁰.

A origem do seu título de nobreza é controversa. Agnello Bittencourt afirma Sant'Anna Nery recebeu o título de Barão do Papa Leão XIII em reconhecimento de sua defesa da Igreja Católica "[...] em uma época de viva controvérsia doutrinária e política". Mariana Gonçalves Lima assegura que o título foi concedido após a publicação do livro 'Les finances Pontificales', em 1871²¹. No entanto, João Paulo Jeannine Andrade Carneiro, em sua tese de doutorado em Geografia Humana, encontrou um decreto do Ministério do Reino de Portugal de 22 de fevereiro de 1891 que lhe concedeu o título de Barão de Sant'Anna Nery²².

Figura 2 – Brasão do Barão de Sant'Anna Nery.

²⁰ BITTENCOURT, op. cit., p. 451; BISPO, op. cit.

²¹ LIMA, Mariana Gonçalves de. A Trajetória de Sant'Anna Nery: Um mediador entre o Brasil e a França. **Anais do XIV Congresso Internacional Abralic**, 29 jun. - 03 jul. 2015, p. 02.

²² CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. **O último propagandista do Império: o "barão" de Santa-Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.





Fonte: CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. **O último propagandista do Império: o “barão” de Santa-Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa.** Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

Faleceu em Paris em 03 de junho de 1901. Seus restos mortais foram transladados para Manaus no vapor italiano *Colombo*, sendo sepultados no Cemitério de São João Batista em 11 de outubro. Seu túmulo, localizado na quadra 2, é sóbrio, sendo uma campa tumular com uma cruz em baixo-relevo. A austeridade é uma característica da nobreza - que não necessitava de mais que o seu título para se distinguir - a acompanhando na cidade dos mortos²³. Encontra-se bastante deteriorado, o que torna praticamente impossível ler seu epitáfio: “O Barão de Sant’Anna Nery Aqui Gosa o Eterno Descanço [...] Terras Estranhas. Uma Vida Ora de Trabalhos Ora de Glórias. Falleceo a 3-6-1901”. Antigamente a sepultura possuía uma réplica do livro ‘Le Pays des Amazones’, atualmente desaparecida (figura 3).

²³ AIRES, 2021, op. cit., p. 12.



Figura 3 – Réplica do livro *Le Pays Des Amazones*.

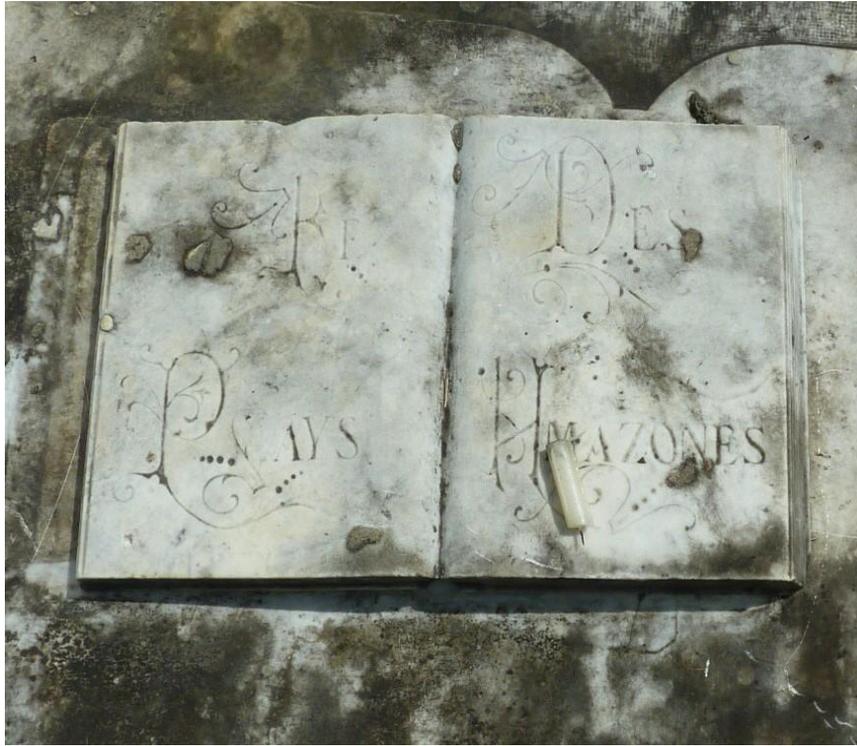


Foto: Luciana Gil.

A família Nery optou pela utilização do título de Barão de Sant’Anna Nery, pelo qual ficou conhecido nacional e internacionalmente, mas não usou seu brasão. A réplica do livro ‘Le Pays des Amazones’, seu mais importante trabalho, é outro elemento de distinção. O livro é símbolo de erudição, de refinamento – pois naquele período era acessível apenas a uma pequena parcela da sociedade²⁴ – e que imortaliza seu autor. O historiador Arthur César Ferreira Reis o define como

[...] o livro fundamental, em que reuniu todo o conhecimento das nossas coisas, água e terra, flora, fauna, o homem, de cá ou de fóra amansando a jangla formidável. Livro em que se conta o passado, mostra ao globo, em quatro idiomas, o maravilhoso do valle, sem a phantazia dos poetas, dos romancistas, sem a

²⁴ BOURDIEU, 2007, op. cit., p. 34, 165.



sciencia improvisada de certos amazonologos de livros europeus²⁵.

Soma-se ao título e ao livro a localização da sepultura, uma quadra de destaque logo na entrada do cemitério e espaço privativo dos membros da Irmandade de Misericórdia, o que demonstra a articulação entre capital social e político, duas importantes formas, junto do capital econômico, de reprodução e manutenção das diferenças²⁶. A localização junto à entrada é um importante fator de distinção, pois esta é uma área bastante cobiçada pelo destaque que possui²⁷. Dessa forma, Nery é detentor não apenas de uma nobreza honorífica, mas também de uma “nobreza cultural”²⁸. Sant’Anna Nery também foi agraciado com um monumento em praça pública, inaugurado em 7 de setembro de 1904.

Clementino José Pereira Guimarães, Barão de Manaus (1828-1906)

Figura 4 – Túmulo de Clementino José Pereira Guimarães.

²⁵ REIS, Arthur César Ferreira. Os que não morrem na gratidão dos amazônidas. **Revista Redenção**. Suplemento do dia 2 de novembro de 1932, p. 9-10. CDMAM – Centro de Documentação e Memória da Amazônia.

²⁶ BOURDIEU, 2007, op. cit., p. 111-112.

²⁷ AIRES, 2021, op. cit., p. 13.

²⁸ BOURDIEU, 2007, op. cit., p. 9-10.



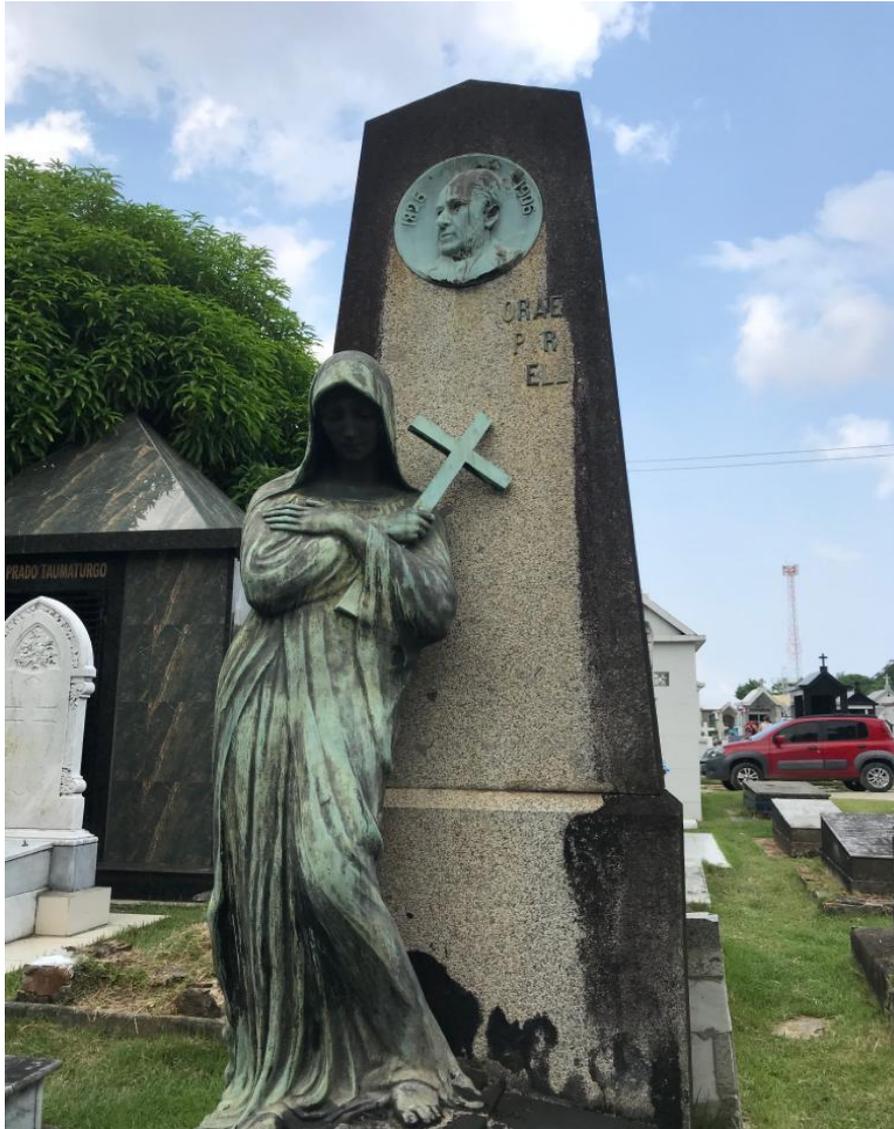


Foto: AUTOR.

Clementino José Pereira Guimarães é o único membro desta lista que recebeu um título de nobreza do Império Brasileiro. Quando se lê o *Arquivo Nobiliárquico Brasileiro*, publicado em 1918 por Rodolfo Smith de Vasconcelos e Jaime Smith de Vasconcelos, segundo e terceiro barões de Vasconcelos, percebe-se que o Amazonas foi uma das províncias que menos teve titulares. O Barão de Manaus é um desses raros exemplos.

Nasceu em Belém, capital da Província do Pará, em 14 de novembro de 1828, filho do Capitão Marcelo Pereira Guimarães. De acordo com Agnello Bittencourt, enfrentou dificuldades em seus primeiros estudos pela falta de livros



e professores, um problema crônico da região. Em algum momento se graduou em Direito, dedicando-se à advocacia por três décadas²⁹. Como muitos intelectuais da época, iniciou jovem na arena jornalística, escrevendo para o *Cinco de Setembro*, primeiro jornal da província do Amazonas.

Na carreira burocrática e política, foi secretário da Câmara Municipal de Manaus, vereador, deputado provincial pelo Partido Conservador e vice-presidente e presidente da província do Amazonas de 08 de abril a 08 de junho de 1870, de 21 de setembro a 28 de outubro de 1885 e de 10 de janeiro de 1887 a 23 de março de 1887. Foi também Promotor Público e Procurador Fiscal da Fazenda. Em 03 de janeiro de 1854, através de Carta Patente, foi nomeado Capitão da Guarda Nacional. Por meio de Carta Imperial de 19 de julho de 1871, recebeu o Título de Oficial da Ordem da Rosa e foi elevado a Major, passando a ser conhecido como Comendador Clementino, sendo homenageado com o nome de uma rua. No ano seguinte, foi reformado no posto de Tenente coronel.

Sobre sua passagem pela presidência da província do Amazonas, Agnello Bittencourt cita como feitos a continuação das obras da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, a reforma do prédio do Seminário Episcopal, do Hospital Militar, a restauração do casarão do Instituto dos Educandos Artífices, o investimento na catequese, navegação, saúde e educação públicas, bem como o cuidado para manter as contas públicas equilibradas³⁰. Através da Lei nº 205, de 17 de maio de 1870, criou, no edifício do Liceu, uma sala de leitura, núcleo da atual Biblioteca Pública do Estado do Amazonas³¹, inaugurada em 19 de março de 1871. Ofereceu, inclusive, uma grande quantidade de livros para a instituição. Foi em seu governo, em 12 de maio de 1870, que foi autorizada a construção da Santa Casa de Misericórdia, inaugurada em 1880.

²⁹ O Comendador Clementino J. Pereira Guimarães. *Jornal do Amazonas*, 14/11/1887, p. 01. Biblioteca Nacional/RJ – Hemeroteca Digital.

³⁰ BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias: Vultos do Passado**. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, p. 166.

³¹ BRAGA, Genesino. **A luz que fulge há um século**. *Jornal do Commercio*, 11/01/1970, p. 02-02. Biblioteca Nacional/RJ – Hemeroteca Digital.



Consta no *Arquivo Nobiliárquico Brasileiro* que foi elevado a Barão de Manaus, sem grandeza, por Decreto Imperial de 27 de junho de 1888³². Faleceu em Manaus em 16 de outubro de 1906.

Seu túmulo está localizado na quadra 02 do cemitério, a Quadra da Santa Casa de Misericórdia. Em publicação do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, somos informados de que ele foi projetado e desenhado pelo artista plástico e barítono paraense Corbiniano Villaça (1873-1967)³³. Ele é composto por uma campa tumular com uma cruz em baixo-relevo, sobre a qual se ergue a escultura em bronze de uma mulher apoiada sobre uma estela, em cujo topo se encontra um medalhão de bronze com o busto do falecido e o epitáfio.

A figura feminina, com a cabeça coberta com um manto, de expressão triste e segurando uma cruz com a mão esquerda, é o grande destaque. Trata-se de uma alegoria da saudade. Nela encontramos a assinatura de Raphael Schwartz (1874-1942), pintor, gravador e escultor judeu nascido em Kiev, na Ucrânia, e formado na Académie Julian, em Paris. Realizou exposições no Salão das Tulherias, na Sociedade Nacional de Belas Artes e no Salão de Outono³⁴. Em meio ao domínio alemão sobre a França durante a Segunda Guerra Mundial, cometeu suicídio em 03 de agosto de 1942 na comuna de Pau, antes de ser capturado pela Gestapo³⁵. Por essas características, essa obra pode ser considerada uma das mais significativas do cemitério.

A família Guimarães não utilizou o nome do falecido e nem título de barão, optando, à maneira da burguesia, pela distinção através de um monumento e um medalhão de fino acabamento. Enquanto alguns nobres optaram pela simplicidade, outros, como é o caso deste, optaram pela opulência³⁶. O material empregado, o bronze, simboliza, segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, a

³² VASCONCELLOS, Barão de; VASCONCELLOS, Barão Smith de. **Arquivo Nobiliarchico Brasileiro**. Lausanne (Suisse): Imprimerie La Concorde, 1918, p. 271.

³³ *Gazeta de Notícias*, RJ, 13/06/1908. Biblioteca Nacional/RJ – Hemeroteca Digital.

³⁴ Raphael Schwartz. Au temps de l'Œil cacodylate. Disponível em: <http://dadaparis.blogspot.com/2006/08/raphal-schwartz.html>. Acesso em 24/06/2023.

³⁵ NIESZAWER & PRINC. **Raphael Schwartz**. Artistes juifs de L'École de Paris, 1905-1939. Disponível em: <http://ecoledeparis.org/raphael-schwartz/>. Acesso em 24/06/2023.

³⁶ AIRES, 2021, op. cit., p. 12.



“incorrupibilidade, imortalidade e força militar”³⁷, e se destaca em meio à brancura tradicional dos mármores portugueses e italianos. Outro elemento de diferenciação é a quadra onde foi sepultado, em destaque e exclusiva dos membros da Irmandade de Misericórdia, simbolizando sua influência política³⁸.

Manoel Joaquim de Machado e Silva, Barão de Machado e Silva (1853-1935)

Figura 5 – Túmulo de Manoel Joaquim Machado e Silva, Barão de Machado e Silva.



³⁷ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Coord. Carlos Sussekind. Trad. Vera da Costa e Silva. 16^o ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, p. 145.

³⁸ AIRES, 2021, op. cit., p. 13; BOURDIEU, 2007, op. cit.



Foto: AUTOR.

Manoel Joaquim de Machado e Silva, Barão de Machado e Silva, é uma figura pouco estudada na História do Amazonas. Sua trajetória foi reconstituída nessa pesquisa através de necrológios (elogios fúnebres) e notas publicadas em jornais manauaras, cariocas e paraenses e no *Anuário Genealógico Brasileiro*.

Nasceu na cidade do Porto, em Portugal, em 16 de fevereiro de 1853³⁹, no seio de uma destacada família. Fez os estudos em sua terra natal, transferindo-se ainda jovem para o Brasil, fincando residência na Província do Amazonas. Conforme publicações em jornais amazonenses e paraenses, por volta de 1870 já estava estabelecido em Manaus como comerciante⁴⁰. Foi nomeado vice-cônsul de Portugal no Amazonas em 1879. Bastante ativo na comunidade portuguesa, foi membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Manaus, da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas e da Loja Maçônica Esperança e Porvir. No meio comercial, destacou-se como gerente da poderosa *Casa Andresen*, galgando postos elevados na Associação Comercial do Amazonas (ACA)⁴¹.

Em 03 de abril de 1907 recebeu do ministro português no Brasil, Camello Lampreia, um telegrama informando que o governo de Portugal elevaria a consulado o vice-consulado do Amazonas e, em reconhecimento aos serviços prestados, lhe concederia o título de Barão de Machado e Silva⁴². Antes de receber o título de Barão, foi distinguido, em data incerta, com uma comenda.

Contraiu matrimônio em 26 de fevereiro de 1876 com Gertrudes Ferreira de Mendonça de Machado e Silva, membro de tradicional família amazonense, criando vínculos mais fortes com a terra⁴³. Do enlace nasceram Branca de Araújo Lima, Judith de Rezende, Luiz Machado e Silva, Carlindo Machado e Silva, Jaime

³⁹ Anuário Genealógico Brasileiro, Ano IV, 1942, p. 199.

⁴⁰ Jornal do Pará, 15/07/1877, p. 03. Biblioteca Nacional/RJ – Hemeroteca Digital.

⁴¹ Morreu o Barão de Machado e Silva. Diário Carioca, 29/03/1935. Biblioteca Nacional/RJ – Hemeroteca Digital.

⁴² Jornal do Commercio, 05/04/1907, p. 01. Biblioteca Nacional/RJ – Hemeroteca Digital.

⁴³ Jornal do Amazonas, 28/02/1876, p. 03. Biblioteca Nacional/RJ – Hemeroteca Digital.



Machado e Silva, Ida Machado e Silva, Manoel Machado e Silva e Raul Machado e Silva. Faleceu em Manaus em 27 de março de 1935.

O jazigo da família Machado e Silva é bastante simples, levando em conta que se trata do local de descanso de um rico comerciante e personalidade da sociedade luso amazonense. Ele é composto por uma campa tumular com uma cruz em baixo-relevo e lápide, onde lê-se o seguinte epitáfio: “Aqui repousam Manoel Joaquim Machado e Silva (Barão de Machado e Silva), sua esposa Gertrudes Mendonça e Silva e seus filhos Carlindo, Ida e Jayme. Paz às suas almas”. Carlindo faleceu em 1917.

Essa “simplicidade”, com a ausência de qualquer outro sinal de grandeza, a não ser o título ‘Barão de Machado e Silva’, dá margem a diferentes interpretações. Seria o sintoma de uma burguesia em crise, com a bancarrota da borracha, o reflexo de uma nova concepção sobre a morte, mais racional e menos simbólica, ou a austeridade típica da nobreza⁴⁴ e de uma sociedade que começaria a demandar menos tempo aos mortos, foi acompanhada, no Amazonas, pela crise econômica. O túmulo do Barão de Machado e Silva, que além de nobre era burguês, reflete bem essas características.

Considerações finais

As pesquisas sobre os cemitérios se fazem cada vez mais necessárias. A análise desses espaços revela diferentes dimensões sobre a morte, os mortos e o morrer. Nessas poucas páginas a dimensão explorada foi a dos elementos de nobilitação e diferenciação utilizados nos túmulos e jazigos da nobreza sepultada no Cemitério de São João Batista, em Manaus.

O Amazonas, penúltima província criada durante o Império do Brasil (1850), foi uma das que menos teve agraciados com títulos nobiliárquicos. Clementino José Pereira Guimarães, Barão de Manaus, foi o único a receber seu título do Império em 1887. Os demais os receberam do Reino de Portugal. Esse número reduzido de nobres pode ser explicado pela inexistência de uma

⁴⁴ AIRES, 2021, op. cit; BOURDIEU, 2007, op. cit., p. 184-185. Bourdieu cita “[...] o gosto pela austeridade no luxo do grande burguês de velha cepa”.



aristocracia tradicional ligada à terra. A província só desponta economicamente no final do século XIX e início do século XX, sendo mais comum a distinção através da patente de Coronel da Guarda Nacional e de comendas.

Os túmulos e jazigos dos nobres aqui analisados revelam diferentes formas de distinção. O Barão de Sant'Anna Nery, intelectual dos mais destacados, foi lembrado com seu título e uma réplica de seu livro mais famoso. O livro é símbolo de erudição e refinamento, elementos característicos da elite da época. O Barão de Manaus foi homenageado com um monumento em bronze, metal de custo dispendioso cuja simbologia remete à imortalidade e à força militar. Ambos foram sepultados na quadra pertencente à Irmandade de Misericórdia, criada nos tempos do Império e onde repousam outros nomes ilustres do Amazonas. O túmulo do Barão de Machado e Silva, sem outro elemento distintivo a não ser o título, possivelmente simboliza mudanças no trato com a morte, a crise econômica que se abateu sobre o Estado e a austeridade característica da nobreza.

Deste modo, o estudo desses túmulos e jazigos possibilitou a compreensão das diferentes formas (títulos, monumentos, localização) que a elite amazonense, nesse caso a nobreza, utilizou para se distinguir no Cemitério de São João Batista, trabalhando na construção de sua memória e autoimagem, pois o cemitério é um espaço permeado por diferenças sociais, disputas e demonstrações de poder.

Data de submissão: 17/11/2024

Data de aceite: 04/12/2024

Referências

AUTOR, 2024.

AIRES, Anderson Pires. A nobreza e a ocupação da cidade cemiterial de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **XXII Encuentro de la Red Iberoamericana de Valoración e Gestión de Cementerios Patrimoniales**, 29 de noviembre al 3 de diciembre de 2021.

BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias: Vultos do Passado**. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

BRAGA, Genesino. **A luz que fulge há um século**. Jornal do Commercio, 11/01/1970.



BOURDIEU, Pierre. **A Distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BISPO, Antonio Alexandre. **Nomes da história intercultural em contextos euro-brasileiros. Frederico José de Santa-Anna Nery (1848-1901), Barão de Santa-Anna Nery.** Academia Brasil-Europa de Ciência da Cultura e da Ciência. Disponível em: <http://www.akademie-brasil-europa.org/Materiais-abe-84.htm>. Acesso em 18/06/2023.

BELLOMO, Harry Rodrigues; LEITE, Daniel Teixeira Meirelles; GUILHERME, Regina Zimmermann. Nobreza no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre/RS. In: CASTRO, Elisiana Trilha [et al.]. **Cemitérios:** gestão, culturas e religiosidades. Porto Alegre: ISCMPA, 2020.

CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. **O último propagandista do Império:** o “barão” de Santa-Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Coord. Carlos Sussekind. Trad. Vera da Costa e Silva. 16º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COELHO, Anna Carolina de Abreu. **Santa-Anna Nery:** um propagandista “voluntário” da Amazônia (1883-1901). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2007.

COSTA, Antonio Luiz M. C. **Títulos de Nobreza e Hierarquias:** um guia sobre as graduações sociais na história. São Paulo: Draco, 2014.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FEITOZA, Leonardo Matos; MOTTA, Renato Ramalho. Meandros e prerrogativas para conquista do baronato no Brasil oitocentista: Antônio Dias Coelho e Melo o Barão da Estância e seus artifícios para a nobilitação. **VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010.

LIMA, Mariana Gonçalves de. A Trajetória de Sant’Anna Nery: Um mediador entre o Brasil e a França. **Anais do XIV Congresso Internacional Abralic,** 29 jun. - 03 jul. 2015.

NIESZAWER & PRINC. **Raphael Schwartz.** Artistes juifs de L’École de Paris, 1905-1939. Disponível em: <http://ecoledeparis.org/raphael-schwartz/>. Acesso em 24/06/2023.



OLIVEIRA, Marina Garcia de. O Poder da Distinção e a Distinção da Recusa: Nobilitação e Construção do Estado Imperial Brasileiro. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho de 2011.

OLIVEIRA, Marina Garcia de. **Entre nobres lusitanos e titulados brasileiros**: práticas, políticas e significados dos títulos nobiliárquicos entre o período joanino e o alvorecer do Segundo Reinado. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, Jessica Manfrim de. **Entre “Grandes” e titulares**: os padrões de nobilitação no Segundo Reinado. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História, 2016.

PEDROSA, Fábio Augusto de Carvalho. **Laborum Meta**: Sociedade e Arte nos Cemitérios de Manaus (1860-1930). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024.

RAPHAEL Schwartz. **Au temps de l'Œil cacodylate**. Disponível em: <http://dadaparis.blogspot.com/2006/08/raphal-schwartz.html>. Acesso em 24/06/2023.

RAMINELLI, Ronald. Nobreza e principais da terra – América Portuguesa, séculos XVII e XVIII. **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 217-240, mai./ago. 2018.

REIS, Arthur César Ferreira. Os que não morrem na gratidão dos amazônidas. **Revista Redenção**. Suplemento do dia 2 de novembro de 1932, p. 9-10.

VASCONCELLOS, Barão de; VASCONCELLOS, Barão Smith de. **Archivo Nobiliarchico Brasileiro**. Lausanne (Suisse): Imprimerie La Concorde, 1918.

